

Ilustrado por Ricardo Amaral

E m B usca
do
M apa P erdido



Trilogia P orto do G raal

Editora Livros do Brasil

Um mapa perdido...
Um tesouro há muito esquecido...
Um segredo muito bem guardado...
À espera de ser desvendado...



I

O ATAQUE SURPRESA

Paris, Outubro de 1307, Sexta-feira, treze...

Dois cavaleiros cavalgavam ao lado um do outro. As suas capas brancas com uma cruz vermelha esvoaçavam ao vento gelado que lhes batia no rosto, agitando-lhes os cabelos e fazendo-os semicerrar os olhos. Eram ambos muito jovens. Um deles parecia apreensivo e o outro curioso.

– Porque não me dizeis qual o motivo para ser chamado tão à pressa, meu Irmão? – perguntou um, de olhos azuis, cabelo e barba castanhos. Tinha um ar deveras simpático, ao contrário do outro que era muito sisudo.

– Ordens do Grão-Mestre – respondeu o companheiro, puxando as rédeas do cavalo para o obrigar a andar mais depressa. Não parecia com grande disposição para conversas.

O outro ficou um pouco para trás, com uma expressão ainda mais surpreendida e curiosa.

Um mocho piou por cima da cabeça deles, em pleno voo, sobressaltando-os. Sentiram a leve aragem formada pelas asas da ave. O que ia à frente deitou um olhar em volta, desconfiado, resmungando qualquer coisa por entredentes, mal impressionado com a repentina escuridão. Um arrepio súbito fê-lo estremecer.

A Lua escondera-se subitamente por detrás de umas nuvens escuras, deixando-os mergulhados no mais completo negrume.

O cavaleiro mais jovem sentiu-se apreensivo com o ar sobressaltado do companheiro. Que poderia ter acontecido para o Grão-Mestre o ter chamado às primeiras horas da madrugada? A ele, um simples cavaleiro sem nenhuma importância, quando tinha ao seu dispor o senescal¹ e muitos outros cavaleiros muito mais importantes do que ele? Que passaria pela cabeça de Jacques de Molay? Que poderia querer de alguém tão insignificante como ele com tantos cavaleiros valorosos ao seu dispor? Era um verdadeiro mistério.

Puxou as rédeas do seu animal para acelerar também o andamento e para não ficar para trás.

A noite estava fria e silenciosa. Os cascos dos animais levantavam uma poeira amarelada que quase os sufocava. As árvores desfilavam de ambos os lados, como sentinelas sombrias ao longo da estrada.

Jean-Luc estremeceu. Por momentos tivera um mau pressentimento. Começava a ficar contagiado pelo nervosismo do companheiro.

O seu coração começou a bater mais forte quando avistou o vulto enorme, maciço e escuro do quartel-general da Ordem do Templo². Só se via luz por entre as frestas de uma janela, provavelmente a sala onde se encontrava o Grão-Mestre. O resto do edifício parecia estar mergulhado no mais absoluto silêncio e escuridão.

Voltou a ter novo arrepio. O seu companheiro saltou para o chão e pareceu-lhe que estava ainda mais pálido. Saberria ele de alguma coisa? O motivo pelo qual fora chamado? Iria ser castigado por algo que inconscientemente fizera? Por mais que puxasse pela cabeça não sabia o que poderia ter sido. Sabia que os Cavaleiros da Ordem eram castigados severamente se desobedecessem às regras da Ordem, mas não se lembrava de ter desobedecido a nenhuma.

¹ – Senescal era o posto inferior ao de Grão-Mestre. Era o segundo em comando. (Nota da Autora)

² – A Ordem do Templo (*Milícia dos Pobres Cavaleiros de Cristo do Templo de Salomão*) ou apenas **Templários**, foi fundada em 1118, na Palestina, por nove cavaleiros, entre os quais o francês Hugo de Payens e um português que se pensa ter sido Arnaldo da Rocha. A Autora, após intensas pesquisas, é de opinião que o lendário Arnaldo da Rocha, ou *Gondemar*, como era chamado pelos outros oito templários, é D. Pedro Arnaldo, de Gondomar, o primeiro Mestre Português da Ordem dos Templários em Portugal. (Nota da Autora)

Respirou fundo, tentando ganhar coragem e seguiu o outro cavaleiro. Este bateu à porta três vezes e ao fim de uns segundos a porta foi aberta por outro mais velho que fixou com curiosidade Jean-Luc. Seguiu à frente deles com um castiçal com três velas acesas.

Entraram numa sala simples, somente com uma mesa e algumas cadeiras em volta. Aqui e ali viam-se castiçais nas paredes, mas estavam apagados. A única luz que havia vinha de outro castiçal sobre a mesa. Uma lareira crepitava por trás de um homem de sessenta e três anos, de cabelos e longas barbas brancas, vestes brancas, com a cruz vermelha da Ordem no peito. Tinha os braços atrás das costas.

Apesar da idade avançada, Jacques de Molay possuía o dom de transmitir sempre uma grande força, uma energia quase palpável.

Fixou o recém-chegado, deitando-lhe um olhar perscrutador.

Jean-Luc baixou a cabeça respeitosamente ao Mestre de todos os Templários. A lareira a crepitar transmitiu-lhe um certo conforto, apesar do medo e angústia que o seu coração experimentava naquele momento. A testa do Grão-Mestre estava carregada, como se algo muito grave o apoquentasse, mas os olhos dele quando se cruzaram com os seus pareceu-lhe que tinham suavizado e um ténue sorriso surgiu-lhe nos lábios.

– Finalmente chegastes, Jean-Luc.

– Sim, Mestre. Aqui estou à vossa disposição – disse, sem conseguir disfarçar completamente o espanto por o Grão-Mestre saber o seu nome de baptismo entre tantos cavaleiros à sua ordem, cerca de quinze mil homens.

Jacques de Molay fez um sinal com a cabeça para os outros dois homens.

– Podeis ir em paz. Deixai-nos a sós, com a graça de Deus.

Os homens saíram e fecharam a porta, silenciosamente. Ouviram-se os seus passos afastando-se ao longo do corredor.

O Grão-Mestre fixou o mais jovem, com um sorriso compreensivo.

– Deveis estar a estranhar ter-vos chamado a esta hora...

Jean-Luc corou levemente e o outro homem sorriu com ar compreensivo.

– Sentai-vos.

– Se me permitis, Mestre, preferia ficar de pé – respondeu ele, tentando controlar o nervosismo que o tomava por estar na presença daquele homem.

– Como queirais. A razão por que vos chamei é muito grave.

O jovem estremeceu e tornou-se muito branco.

– O destino da nossa Ordem está em perigo. Todos corremos risco de vida.

Jean-Luc fixou-o, duvidando das suas palavras. A Ordem do Templo era muito poderosa, uma das organizações mais poderosas da altura e devendo obediência apenas ao Papa. Gozavam da mais completa independência em relação aos reinos que os acolhiam. Um monge templário somente obedecia ao seu superior hierárquico: o Grão-Mestre ou o Dom Prior. Era como um Estado dentro de outro estado. Possuía imensas propriedades espalhadas por muitos países, grandes riquezas e privilégios, motivos da inveja e da cobiça de grandes senhores, que os temiam.

– É verdade, irmão Jean-Luc. Estamos a ser vítimas da conspiração mais infame que jamais a História conheceu ou conhecerá.

– Conspiração? – balbuciou o jovem, quase estrangulado. Sem se aperceber, acabou por se sentar, pois sentiu os joelhos vacilar.

Jacques de Molay fez um aceno afirmativo, com um ar muito grave. As rugas da testa acentuaram-se.

– Sim. Por parte do nosso rei Filipe. Ele orquestrou um plano muito bem urdido, mas esqueceu-se que a Ordem do Templo tem um serviço de espionagem muito eficaz...

Jean-Luc pestanejou nervosamente. A sua mente não conseguia assimilar convenientemente todas aquelas informações inesperadas.

– A ordem secreta do nosso rei já foi dada. A captura de todos os Templários!

Jean-Luc estremeceu violentamente e levantou-se de um pulo, como se o tivessem espetado com um ferro em brasa

– Que dizeis, Mestre?! Como é isso possível?!

– A cobiça dos homens é destruidora e a do nosso rei é infinita... Sempre cobiçou a riqueza da nossa Ordem. A Ordem sim, mas nós não, pois nenhum Templário é rico. Apesar da nossa riqueza continuamos a cumprir os nossos votos: pobreza, castidade e obediência. O nosso ser-

viço de espionagem informou-nos que foram emitidos, há cerca de um mês atrás, documentos selados a todas as autoridades espalhadas pelo país, com uma ordem secreta e infame e é ela o aprisionamento de todos os Templários em França.

O jovem empalideceu.

– O QUÊ?! Mas porquê, Mestre? Que mal fizemos nós ao nosso rei? Porque nos persegue?

– Pura cobiça e ambição. Filipe passa por grandes dificuldades económicas, dívidas enormes que acumulou devido à guerra que tem mantido com a Inglaterra. Está coberto de dívidas e nós somos o seu grande credor. Por isso o nosso rei decidiu resolver os seus problemas financeiros de um único golpe. Mata dois coelhos de uma cajadada só. Ao prender todos os Templários livra-se da sua dívida colossal e usurpa a riqueza da nossa Ordem. Vinga-se também da recusa da nossa parte em deixá-lo entrar como membro honorário da Ordem do Templo, e por não termos autorizado também a entrada do seu filho. Nunca deve ter perdoado essa afronta... Deve ter sentido isso como a humilhação total, sendo ele o rei de França – disse, com ar pensativo. – Mas eu e os outros mestres sempre soubemos que ele não era merecedor de ingressar na nossa Ordem, e a prova disso está a ver-se... Só queria entrar nela para se apoderar da sua fortuna. Como poderíamos aceitar um homem que arquitetou a morte de dois Papas³, para poder colocar lá um subordinado à sua vontade, o Papa Clemente V?

Jean-Luc estremeceu, recordando um enorme escândalo que percorrerá a Europa como um rastilho de pólvora. Ficará célebre e para sempre conhecido como o episódio da “*bofetada*”.

O Papa Bonifácio VIII entrara em choque com Filipe IV, o Belo, ao decretar uma lei que proibia o clero de pagar impostos sem a autorização papal. A partir de 1300 os atritos entre o rei e o Papa aumentaram, quando este proclamou a superioridade do Papa sobre os reis.

³ – O rei francês e seus ministros, principalmente o cavaleiro Nogaret, conceberam um plano maquiavélico, raptando e matando o Papa Bonifácio VIII, em 1303 e o de Bento XI, em 1304. (Nota da Autora.)

Enviado por Filipe IV, o cavaleiro Guilherme de Nogaret, chefe da guarda e conselheiro real, desferiu uma humilhante bofetada no rosto do Papa, como um recado do rei da França. Foi o escândalo total!

Em consequência disso o Papa Bonifácio VIII excomungou o rei de França, em 1303. Este retalia e, em Setembro de 1303, Guilherme de Nogaret é de novo enviado a Itália para prender o Papa e obrigá-lo a renunciar ao papado. Recruta na Itália um exército e assalta o palácio onde o Papa de 86 anos está recolhido, tratando-o com brutalidade. Mas este, corajosamente, acaba por lhes dizer, indignado: “*Aqui está o meu pescoço, aqui está a minha cabeça: morrerei, mas morrerei Papa!*”

Bonifácio VIII permaneceu prisioneiro alguns dias até que foi libertado pela população de Anagni. Morreu pouco tempo depois, envenenado, logo após ter entrado em Roma, em onze de Outubro, facto que se atribui a Nogaret, que havia sido excomungado por ele, devido à célebre bofetada.

O Papa que se lhe seguiu, que tomou o nome de Bento XI e que fora amigo e conselheiro do anterior Papa, era um homem pacificador e conseguiu que as desavenças entre França e Roma terminassem, absolvendo Filipe, o Belo. Só não perdoou o seu mensageiro por este ter desferido a bofetada contra o rosto do falecido Papa. Guilherme de Nogaret foi excomungado definitivamente da Igreja. Talvez por isso mesmo o Papa Bento XI teve um pontificado muito curto. Durou apenas até ao dia sete de Julho de 1304, quando morreu de repente, suspeitando-se também de envenenamento orquestrado pelo infame cavaleiro Guilherme de Nogaret.

Com estas duas mortes Filipe IV, o *Belo*, assegurou assim a eleição do seu próprio candidato, o arcebispo de Bordéus, para o lugar de Papa com o nome de Clemente V³.

Jean-Luc engoliu em seco, aturdido. Não queria acreditar numa tão grande infâmia, principalmente por parte do seu rei, que deveria proteger todos os seus súbditos e não persegui-los.

– Mas, Mestre, com que justificação nos irão prender? Nada fizemos contra o Estado. Nós só reportamos ao Papa.

³ – Clemente V foi o primeiro Papa a instalar-se em Avignon, França, em vez de Roma (Nota da Autora.)

– Suspeito que o Papa esteja de conluio com ele e que já tenha sido por isso que me pediu para vir a França, com a desculpa de reavaliar as finanças e discutir as suas diligências futuras. O intuito por trás desse pedido deve ser bem diferente, receio bem. Filipe sempre o teve nas mãos, pois foi devido à sua influência que ele se tornou Papa. Deve-lhe grandes favores e, fraco como é, jamais o enfrentará mesmo que não concorde. A Ordem do Templo está condenada. Inventarão todas as acusações possíveis. Imaginação não lhes faltará, principalmente ao cavaleiro Guilherme de Nogaret. É uma conspiração tão infame que nem tem palavras.

– Mas, Mestre, e o nosso tesouro? Iremos entregá-lo de mão beijada a quem nos persegue tão impiedosamente, depois de o termos ajudado tanto e sempre que nos pediu? O maldito morde a mão que o alimentou! – revoltou-se Jean-Luc, a tremer de indignação.

Um sorriso misterioso iluminou o rosto de Jacques de Molay.

– Podeis ficar descansado, irmão Jean-Luc. A esta hora o nosso tesouro já está em segurança, bem longe do alcance da cobiça de Filipe IV...



Horas atrás, pela calada da noite, grandes carroças atravessavam os portões do quartel-general da Ordem do Templo. Eram puxadas por muitos cavalos e pareciam carregar feno. Curiosamente, os cavaleiros que as transportavam estavam envoltos em mantos escuros, que lhes cobriam as cabeças, dando-lhes um ar misterioso e sinistro, pois os seus rostos estavam carregados. Um sentimento misto de preocupação, medo e coragem. Alguns outros seguiam a cavalo a alguma distância das carroças e nenhum deles ostentava as vestimentas tradicionais dos Templários, as vestes brancas com a cruz vermelha.

Assim atravessaram Paris, silenciosamente. Só se ouviam os cascos dos animais nos caminhos que percorriam, ora no empedrado, ora o som seco dos caminhos poeirentos. Os Cavaleiros estavam macabú-zios, atormentados por mil pensamentos sombrios. A ordem que o Grão-Mestre lhes dera alarmara-os, coisa que não acontecia nem nas batalhas mais terríveis, pois demonstravam sempre uma grande bravura. A sua coragem e disciplina eram lendárias. Em combate eram os

primeiros a atacar e os últimos a retirar. Os Templários, se capturados, não podiam pedir misericórdia ou pagar resgate pelas próprias vidas. Eram incitados a combater até à morte. Só lhes era permitido bater em retirada se a proporção de inimigos por cada Templário fosse superior a três para um. Na época, eram a força de combate mais disciplinada do mundo. Os Templários inspiravam respeito até aos seus inimigos. No entanto, aqueles homens recebiam o seu próprio rei e o seu Papa, a quem sempre haviam prestado bons serviços.

Deitaram um último olhar à cidade amada, interrogando-se qual o destino daqueles irmãos que por lá tinham ficado. Suspeitavam que jamais os tornariam a ver...

Trocaram entre todos um olhar saudosos e comovido e com um suspiro profundo voltaram-se para a frente. Ainda tinham um longo caminho a percorrer até à base naval da Ordem, no porto de La Rochelle, onde a armada templária estava fundeada.



– Mas então sabíeis mesmo que este ataque iria acontecer, Mestre? – perguntou Jean-Luc, olhando-o com estranheza. – Porque não fugistes então? Todos nós?

– Jamais conseguiríamos fugir do rei Filipe. Tem do seu lado o longo braço da Igreja na pessoa do Papa Clemente V que faz tudo o que ele deseja, e seríamos perseguidos impiedosamente. Esta foi a forma que consegui arranjar. O sacrifício de uns em prol de um bem maior e superior às nossas insignificantes vidas. A protecção de algo muito importante e que merece ser protegido com as nossas próprias vidas a todo o custo, pois é uma missão sagrada. A razão pela qual a nossa Ordem foi criada, a missão da nossa existência. A protecção de um grande segredo.

– Pois então ofereço-me para enfrentar o mesmo negro destino ao vosso lado, Mestre.

Jacques de Molay sorriu.

– Bem sei que vos sacrificaríeis também, Irmão Jean-Luc, mas não é disso que a nossa Ordem agora precisa. Já muitos irmãos nossos se ofereceram para esse sacrifício e para morrer, se necessário for. De vós

preciso apenas que cumprais uma missão muito importante. A protecção do nosso segredo mais precioso.

Os olhos do jovem abriram-se de espanto.

– O nosso tesouro mais valioso – disse o Grão-Mestre, com ar comovido.

O jovem fitou-o com estranheza.

– Mas, Mestre, não dissestes que o nosso tesouro já não estava cá e que foi colocado em segurança e fora do alcance das mãos gananciosas do nosso rei?

– É verdade, Irmão Jean-Luc. O tesouro tão cobiçado pelo nosso ganancioso rei está fora do alcance das suas mãos, felizmente. Temos espíões na corte que nos avisaram da decisão do rei. Foi retirado de cá ao cair da noite e há muito que já deve ter saído de Paris. Seguiram para o porto de La Rochelle. As galeras com o tesouro seguirão noutras direcções para confundir os suspeitos dos nossos planos. O verdadeiro tesouro, o nosso bem mais precioso, seguirá noutra direcção completamente diferente.

– Mas então?...

O Mestre sorriu do assombro do rapaz e das suas vestes retirou um canudo de pergaminho, atado por uma fita de seda vermelha. Os seus olhos brilhavam de emoção ao fixá-lo.

– Mas esse não é o nosso maior tesouro... O maior tesouro da Humanidade não são coisas materiais, mas algo muito mais sublime, como o conhecimento, a verdadeira Sabedoria. Esse é o nosso maior tesouro, meu filho. Superior a todas as riquezas da terra. É esse aquele que devemos proteger e salvaguardar a todo o custo, mesmo com o sacrifício das nossas próprias vidas, pois foi por isto que foi formada a nossa Ordem.

O jovem olhava-o com espanto crescente, sem conseguir alcançar a dimensão, o sentido daquelas palavras tão misteriosas do Mestre.

– Não compreendo, Mestre. Que poderá ser assim tão importante?

– O Santo Graal³.

– O *Santo Graal*, Mestre?

– Sim. Este documento demonstra onde está escondido o tesouro mais precioso da Humanidade, desde o início dos tempos. O Santo Graal.

Desta vez o jovem ficou mudo e os seus olhos encheram-se de lágrimas de emoção.

– Quereis dizer que isso é o mapa do local onde está escondido o Santo Graal, Mestre...?

– Isso mesmo, meu filho. O tesouro e o segredo mais bem guardado dos Templários. Com certeza sabíeis que também somos conhecidos como Guardiões do Santo Graal. É verdade. Sempre o fomos. Aliás, a nossa Ordem foi formada por essa mesma razão: a procura e a proteção do Santo Graal. Nove irmãos nossos encontraram-no nas ruínas do Templo de Salomão, em Jerusalém, há séculos atrás, e esse segredo e esse tesouro têm sido muito bem guardados. É e tem sido sempre a nossa missão sagrada.

– O *Santo Graal*, Mestre? – repetiu Jean-Luc, sem conseguir acreditar. – Sempre esteve connosco?

– E se Deus quiser, continuará sempre. Por isso delego em vós essa incumbência. Tendes de abandonar Paris para colocar em segurança este documento tão valioso.

– Mas Mestre, porque não tentais escapar também?

– Alguns de nós têm de ficar para que outros possam viver. O que é importante é a nossa missão. Não as nossas vidas. Existimos apenas para concretizar essa missão e daremos a vida por ela se necessário for. Tendes de protegê-lo com a vossa própria vida.

O olhar sobressaltado de Jean-Luc passou do documento para o rosto apreensivo do Mestre.

– Mas, Mestre, porque não fugis vós e protegeis vós próprio essa relíquia que tendes nas mãos? Mal ousou sequer tocar-lhe...

– Porque é necessário assim. O rei Filipe e os seus carrascos jamais descansariam enquanto não me apanhassem. Assim acalmarão um pouco e dar-vos-á tempo, a vós e a alguns dos nossos irmãos de encontrar um refúgio seguro junto daqueles que tiverem coragem para vos proteger. Há principalmente um reino que nunca lhes negará refúgio e

³ – Há muitas teorias sobre o que é verdadeiramente o *Santo Graal*. Uma delas seria o cálice por onde Jesus bebeu na Última Ceia com os doze discípulos, utilizado também por um familiar seu, José de Arimateia, para recolher o Seu sangue, durante a crucificação. Dizia-se que quem bebesse por ele alcançaria a imortalidade e a sabedoria. (Nota da Autora)

protecção e é para lá que deveis ir, tal como a maioria dos outros espalhados pelo mundo, pois não duvido, nem por um instante, que esta infâmia alastrará a todos os outros países. Filipe tentará forçar os outros reis a seguir o seu exemplo, perseguindo selvaticamente todos os Templários, com excepção deste rei em particular. Este reino estará ligado para sempre aos Templários e nunca nos faltará...

– Mas, Mestre e se vos condenarem à morte...? – perguntou o jovem, engolindo em seco, ao mesmo tempo que se interrogava intimamente qual seria esse reino.

– É porque terá chegado a minha hora. Para uns viverem outros terão de ser sacrificados por um bem comum. A sobrevivência da nossa Ordem.

Os olhos do jovem ficaram marejados de lágrimas. Ainda lhe custava a acreditar em tudo aquilo. Há apenas algumas horas atrás estava feliz e sentia-se seguro, e agora... Parecia que o mundo se abatera sobre a sua cabeça.

– Mestre, não sei que dizer. Deixais-me sem palavras. Porque confiais a mim e não a um dos nossos outros irmãos mais merecedores, este dever precioso que é a protecção de algo tão sagrado?

O Mestre teve um sorriso misterioso.

– Ninguém é mais merecedor do que vós, Irmão Jean-Luc. Agora ide em paz e escondei-vos e ao mapa, logo que puderdes, no país onde está escondido o Santo Graal – disse, desatando lentamente a fita vermelha e abrindo o pergaminho diante dos olhos do jovem.

Este devorou o mapa com os olhos e depois fixou o rosto do outro homem, com estranheza.

– Mas, Mestre, aí não diz o nome do país, nem a terra onde está escondido o Santo Graal.

O ancião sorriu e em gestos lentos e minuciosos mostrou-lhe algo no mapa.

O rosto do jovem espelhava um pasmo e estupefacção totais. Fixou-o com os olhos a brilhar de emoção. Duas lágrimas de puro deslumbramento correram-lhe pelo rosto. Fixou o Mestre, com um sorriso maravilhado.

– Mestre... É um milagre!... Como é possível uma coisa destas? Como? É aí mesmo que está?

– Sim. Desde o início da sua fundação. Pois este reino foi fundado com esse intuito, o esconderijo do Santo Graal. Preciso que protejais este documento e não o deixeis cair em mãos erradas. Este segredo tem que ser salvaguardado a todo o custo. Nesse mapa está a pista que indica esse local. Guardai-o com a própria vida.

– Sim, Mestre.

– Ainda pensei em colocar-vos numa das galeras, juntamente com os irmãos que daqui conseguiram escapar, mas achei mais prudente não. Ireis por terra – disse, com ar muito sério. – Ides refugiar-vos na jóia mais preciosa da Ordem do Templo.

Por momentos Jean-Luc ficou em silêncio, pensativo, mas depois o seu rosto iluminou-se.

– Tomar.

– Sim. *Theodomar*, como diziam os antigos... *Theo* (Deus) do mar. *Mar de Deus*. Aí encontrareis segurança. É para lá que irá a maioria dos Cavaleiros que conseguiram escapar, pois sabem que lá acharão refúgio seguro.

– Assim farei, Mestre.

– Passai o mapa ao Mestre que encontrardes aqui. Ele saberá o que fazer com ele. Ide em paz!

– Tendes a minha palavra que este segredo jamais cairá em mãos não merecedoras. Este segredo estará seguro comigo. – Prometeu, com firmeza.

– Eu sei. Tomai esta bolsa com moedas de ouro para não terdes dificuldades na longa viagem que tereis pela frente – disse, estendendo-lhe uma bolsa negra, recolhida pelas mãos trémulas do jovem. – A primeira coisa que deveis fazer para não saberem que sois um elemento da nossa Ordem é rapardes a barba.

Naqueles tempos a maioria dos homens não usava barba e por isso os Templários distinguiam-se bem deles. Aos Templários era permitido cortar o cabelo, mas proibido cortarem a barba.

– Mas, Mestre, isso seria trair os meus irmãos e isso não o farei – respondeu, com a voz a tremer de indignação. – Nunca negarei a nossa Ordem.

– É preciso que façais esse sacrifício por um bem maior. A proteção desse segredo que vos estou a confiar. Tendes de negar a Ordem para conseguir sobreviver e colocar em segurança essa relíquia.

– Mestre...

– A nossa vida não é importante, mas o segredo que guardamos há séculos... O segredo do qual somos Guardiões. Isso é que é o mais importante. Não, nós, meros mortais – disse, com o rosto iluminado pelo entusiasmo. – Agora ide em paz. Preciso de rezar e de me preparar para o meu destino. No entanto peço-vos uma coisa, pedido agora feito por mim em sã consciência e em plena posse de todas as minhas faculdades: não acrediteis em nada que digam de mim ou dos nossos irmãos, mesmo que isso saia dos nossos lábios. Seremos torturados para confessarmos o que o nosso rei deseja, para conseguir o que quer, e os homens são fracos. Por vezes, para escaparem a mais sofrimento, confessam até aquilo que não é verdade.

– O Mestre jamais faria isso.

– Não. Eu sou apenas humano, tal como todos os outros. Não sou mais e nem melhor que qualquer um de vós. Perante o sofrimento todos somos iguais. Sangro e tenho dores da mesma maneira que vós.

Jean-Luc fitou-o em silêncio. Parecia-lhe agora que sentia um peso enorme sobre os ombros, um peso difícil de suportar.

– Ide em paz e protegei esse mapa com a própria vida. Ide e não olheis para trás! Que Deus vos acompanhe em todos os caminhos que percorrereis!

Jean-Luc aproximou-se da porta e voltou-se para trás uma última vez.

– Que Deus fique convosco também, Mestre, e com todos os outros.

Jacques de Molay sorriu-lhe com ternura.

O jovem saiu, fechando a porta atrás de si.

O Grão-Mestre por momentos ficou a olhar a porta, com ar ausente.

“Se soubesses que és tu aquele que de nós é o mais digno para carregar tal segredo...”

Voltou-se para a mesa e começou a atirar pergaminhos para a lareira, observando-os a queimarem-se a pouco e pouco, durante algum tempo.

“Não descobrirás os nossos segredos, infame...”

Depois virou-se e ajoelhou-se, baixando a cabeça diante de uma pequena imagem de uma Nossa Senhora esculpida em madeira escura.

“Deus infinito que lê em nossos corações, que conheces os nossos pensamentos mais íntimos, que nos dás o livre arbítrio para que escolhamos entre a estrada do Bem e do Mal...”

Recebe a minha prece e ilumina a minha alma para que não caia no erro, para que não desagrade à vossa soberana vontade.

Guia-me pelo caminho da virtude e fazei de mim um ser útil à Humanidade.”

Benzeu-se lentamente.

– E protege aquele que de cá saiu e todos os outros que saíram antes dele. Que Deus os guarde!

Algun tempo mais tarde umas pancadas fortes fizeram-no estremecer e empalidecer um pouco. Levantou-se devagar.

– ABRI! ABRI EM NOME DO REI!

O mesmo homem que abrira a porta a Jean-Luc entrou na sala, todo alvoroçado e muito pálido.

– Mestre... Mestre...

– Acalmai-vos, Irmão e abri a porta aos soldados do rei.

– Mas, Mestre...

– Abri a porta, Irmão.

Pouco depois um grupo de soldados triunfantes, liderados pelo seu chefe, Guilherme de Nogaret, invadia a sala.

– Jacques de Molay, por ordem do rei estais preso! – declarou Guilherme de Nogaret, com um sorriso de triunfo e satisfação nos lábios finos. Os seus olhos brilhavam sinistramente.

Jacques de Molay enfrentou-o friamente, com um olhar de desprezo.

– Sob que acusação?

– Heresia!

– Isso é uma infâmia! – gritou o Grão-Mestre, tremendo de indignação. Quando os seus olhos se cruzaram com os do outro homem teve a certeza de que ele fora certamente um dos que maquinara contra a

Ordem. – Como podeis acreditar numa calúnia dessas, uma acusação tão infame contra uma Ordem que só defendeu o evangelho e protegeu a cristandade?

– Recolhemos muitas informações e temos o depoimento detalhado de um Templário que confessou. Esquieu de Floyran confirmou tudo.

O semblante do Grão-Mestre ficou carregado de indignação.

– Esse é um Templário renegado, um traidor. Foi expulso da nossa Ordem por má conduta. Só procura vingar-se pela expulsão.

Guilherme de Nogaret lançou-lhe um olhar odioso, sendo retribuído com um de desprezo do velho Templário. Não lhe passaram despercebidos os restos de pergaminhos queimados na lareira. Controlou a custo a raiva que aquilo lhe provocou. Com a ponta da bota remexeu as achas, rangendo os dentes, enraivecido.

– Prendei-o e levai-o! E atirai-o a ele e aos outros para os calabouços, pois é lá o lugar dos inimigos da Fé!

Jacques de Molay deitou um último olhar à sala, ciente de que não mais a voltaria a ver. Os Templários estavam condenados para sempre.



Momentos atrás, justamente à mesma hora, em vários pontos de França, as autoridades quebravam o lacre de um determinado documento real selado, em sua posse já há algum tempo, mais precisamente desde o dia 14 de Setembro. Fora entregue com instruções expressas de somente serem abertos a treze de Outubro de 1307, simultaneamente, com a ordem para o seu conteúdo ser cumprido de imediato. O teor dessas cartas tornaria esse dia o mais terrível de todos os tempos. Esse documento continha uma ordem secreta. Uma ordem terrível e inquietante. O aprisionamento de todos os templários em França. Quinze mil homens (o número total de Cavaleiros Templários) deveriam ser capturados e lançados nas masmorras com grilhões especialmente confeccionados para o efeito, expedidos anteriormente com esta sinistra finalidade.

Os senescais³ estremeeceram, perturbados e aterrados. Tratava-se nada mais do que prender o poderoso Grão-Mestre e seus Templários, que para além da sua conhecida força militar, famosa por ser muito

forte, bem organizada e altamente eficaz, eram hóspedes de honra do rei da França. Mas a ordem vinha com a autorização do próprio Papa... Engoliram em seco, atemorizados, receando a reacção daqueles guerreiros tão bem disciplinados. Mas a ordem era inflexível.

Na madrugada de sexta-feira, numa operação secreta digna da polícia mais moderna, as autoridades invadiram as preceptorias Templárias e capturaram os seus ocupantes. O ataque foi rápido, preciso e fatal. Estranhamente, os Templários não ofereceram qualquer resistência...

Este dia ficaria registado para os tempos modernos como o dia mais vergonhoso da Humanidade, o ataque traiçoeiro aos Templários por parte de um rei mesquinho, traiçoeiro e invejoso, Filipe IV e o seu aliado, o fraco Papa Clemente V.

Uma data infame que permaneceria na História como a maior conspiração de todos os tempos, o dia do maior ataque surpresa e da maior operação militar de sempre. O ataque súbito e repentino aos Templários, àqueles que tinham sido os protectores dos peregrinos, os grandes monges-guerreiros, os banqueiros dos reis e dos nobres. Os Templários eram monges que eram cavaleiros, os mais antigos guerreiros do cristianismo, que haviam jurado dar a vida para o proteger.

Um fatídico dia que para sempre ficaria conhecido na História como dia de azar. Sexta-feira, 13...